



# AVANTE!

## PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES: UNIVOS!

Ano I — Numero 2  
Preço \$50

Órgão Central do Partido Comunista (S. P. da I. C.)

1 de Março de 1931  
PORTUGAL

## Situação e tarefas do nosso Partido

I

O último trimestre do ano que vem de findar, caracterizou-se, como é já do conhecimento das massas mais radicalizadas de entre nós, por uma implacável repressão policial, quer sobre o conjunto do nosso Partido, quer sobre a organização do S. V., quer ainda sobre os sindicatos que se mantêm, sob a esfera da nossa influência, no terreno revolucionário de classe, e sobre os seus militantes em primeiro lugar.

No campo interior do P. C. temos a registar uma perseguição acintosa aos nossos elementos mais activos e melhores, a prisão e deportação de alguns deles—no número de umas dezenas nesta nova fase—uns pelos simples facto de serem conhecidos como comunistas e outros em virtude da sua actuação revolucionária indefectível no seio das massas—destas massas que, tão despótica e ferozmente, veem sendo lançadas pela ditadura para a mais torpe das extorções.

Dentro deste ambiente, de verdadeiro terror branco, forjado pelas «elites» militares reaccionárias—sustentáculos da ditadura da espada, da cruz e dos grandes proprietários capitalistas e territoriais—o sector das nossas fileiras apresentava ha bem pouco tempo e apresenta ainda hoje, esta característica de veras singular: cerca de 30 dos nossos militantes mais decididos foram arrancados ao convívio dos seus e da causa que denodada e voluntariamente abraçaram—a da libertação do povo trabalhador e explorado do país—para serem atirados para um degredo indeterminado, onde vegetam sujeitos às mais sombrias condições de existência e na impossibilidade de prosseguir amparando os seus lares, completamente desmantelados pelos actuais tiranetes de Portugal; uma outra parte mantem-se a monte para furtar-se às garras da Polícia de Informações.

A primeira «leva», resultado desta última ofensiva, teve lugar com a greve dos manipuladores de pão de Lisboa; e as vítimas tombadas em holocausto à defeza dos sagrados interesses desta corporação, foram enviadas para Africa, pelos sequezes dos *Carmonas* e dos *Salazares*, como criminosos de delito vulgar, ou, para melhor, como simples «cadastrados».

Tal foi, pois, o prémio dos dirigentes sindicais dos manipuladores de pão, na luta grévistica da sua classe contra as forças coligadas da ditadura e da Moagem—(polvo sob cujos tentáculos se contorse cerca de metade da população portuguesa)—em reclamação da jornada de 8 horas de trabalho e da actualização dos seus salários, em tudo medievais.

A segunda «leva» efectuou-se pouco depois, tomando o aspecto dum assalto geral da policia sobre as nossas fileiras partidárias e simpatizantes.

Mas a policia não ficou por ai. Dando-se conta da tenacidade e da energia bolchevista crescente, manifestada dum modo pratico pelo nosso P. C., tenta, agora, aniquilarnos completamente. Nesse sentido a ofensiva propõe-se englobar, no seu

plano geral de ataque, a destruição absoluta do nosso partido—tanto pela deportação dos seus efectivos, como pela sua caça das organizações de massas do proletariado e, em primeiro lugar, dos sindicatos que seguem o trilho da I. S. V.

Alem disso e á guisa de complemento duma tal ofensiva, a dissolução da nossa organização revolucionária de solidariedade às vítimas da luta de classes: a secção portuguesa do Socorro Vermelho Internacional, foi, tambem, prevista e, na realização de semelhante tarefa, a policia emprega um esforço obstinado, sistemático.

Uma onda implacável de terror facista sobre o P. C. P., sobre os sindicatos revolucionários e sobre o Socorro Vermelho até á sua destruição pura e simples, eis o ambiente que nos rodeia.

E tudo isto porque?)

Tudo isto porque, para maior glória da causa comunista em Portugal, as nossas organizações, em desenvolvimento e consolidação progressivas no decurso da presente fase da crise capitalista nacional, ainda que débeis, já constituem um verdadeiro espectro, não só para os *Loyolas* que detem as rédeas da governação portuguesa da actualidade, mas tambem para a grande burguesia indígena.

Persegui, pois, sicários repelentes e apodrecidos, que o sangue jorrando em catadupa das entranhas das vítimas por vós ceifadas no nosso campo, longe de enfraquecermos, ha-de ter o condão de, não só tcnificar as nossas fileiras intactas, mas até e fundamentalmente, chamar á luta novos contingentes revolucionários colhidos nas próprias massas do proletariado, mesmo d'aquele proletariado ainda ha pouco indiferente, ou quasi, á acção económica e politica de classe contra classe!

II

Mas, é só da parte da Polícia de Informações—erigida em Tribunal do Santo Officio do século XX—e, em geral, das hostes ditatoriais que vimos de sofrer os mais rudes golpes? Não!

Na realidade histórico—dialectica presente, contra nós se concentram todas as forças das várias nuances da burguesia e do Estado, dos reformistas, do anarquismo e do anarco-sindicalismo.

As forças fieis á ditadura, atacam-nos por via da nossa posição inabalavel de seus inimigos mais encarnicados, que denunciamos aos trabalhadores, em análise bolchevista consequente, o caracter grande-burguês e rapace do regimen instaurado no 28 de Maio, deste regimen alicerçado na força das baionetas, condição *sine qua non* dum mais completo vilipêndio destas massas.

As camarilhas politico-burguesas *constitucionais* dirigentes, ainda que dos vários matises, ultimamente transformadas em *pescadores de águas turvas*, fingindo-se, por vezes, nossas amigas



## SOBRE A NOVA LEGISLAÇÃO SOCIAL

A profunda acentuação da luta de classes no espirito das massas; a actividade desenvolvida pelos elementos comunistas para crear dentro do proletariado português organismos defensivos e ofensivos contra o capitalismo, por cima de todas as consequências policiaes; o exacto conhecimento por parte das autoridades da nossa actividade na preparação das massas para a luta, determinou no animo do Governo a promulgação de uma nova legislação social que impeça a marcha na trajectoria marcada pelo sector revolucionario dos trabalhadores portugueses.

E' lógico, natural, que um Governo fascista como o nosso tome medidas preventivas atalhando o movimento revolucionario, à semelhança dos seus congéneros Latinos, com leis legalizando os seus actos de violencia.

Os intentos para instaurar em Portugal a carta de trabalho vêm de há muito. Este encargo já foi oferecido ao socialista Ramada Curto. Não aceitou. Dirmos que não aceitou pois que ainda nada há feito nesse sentido. Porém, não se julgue que este senhor declinou tal encargo por vir a proposta das mãos da Ditadura, e que, por isto, se considerava ofendido na sua dignidade de homem liberal. Não aceitou porque sabia que a sua tendência politica nada representa entre o operariado português. Hoje talvez julgue o partido socialista que os tempos vão melhores para tal colaboracionismo, e decidiu-se na pessoa de Augusto Machado.

Depois da renúncia da Ramada Curto, o intendente geral de policia ofereceu este mesmo encargo a varios trabalhadores de transportes. Como era de esperar, nada conseguiu o senhor intendente.

Hoje vão-nos, definitivamente, impôr uma legislação, segundo as doutrinas modernas, que regula a ordem estabelecida pela ditadura, a saber: impossibilidade de reunir-se livremente! perseguição e encarceramento de todo aquêle que a não observe; uma conduta de submissão à ordem estabelecida pelo golpe de estado de 28 de Maio e propague o seu espirito rebelde por entre os companheiros; proibição absoluta de declarar greves (veja-se a greve dos manipuladores de pão de Lisboa); liberdade plena de renúncia para os patrões, onde se trate de baixar o nivel de vida dos operarios; não atender nenhuma reclamação dos trabalhadores quando denunciem aos poderes públicos as infracções às leis por parte dos patrões, concessões de grandes creditos a burguesia industrial e camponesa para não sofrer os efeitos da crise economica; proibição absoluta de criticar na imprensa ou na tribuna os atrappelos e erros do Governo e seus lacaios.

Tudo, em fim, quanto se relaciona com a baixa por parte da ordem estabelecida, e tudo o que se fica por reivindicar os direitos individuais ou colectivos que não esteja no programa de 28 de Maio, é ilegal e antipatriótico.

Para garantir estes principios serve o decreto, que poderiamos chamar de legislação social e a selecta comissão. Nela está representado o Partido Socialista, e este partido, que se diz defensor dos operarios, firmará uma lei onde os direitos dos trabalhadores como trabalhadores e como cidadãos serão cerceados, em homenagem de uma carta que só trouxe a miséria e a desolação ao povo.

Porém isto não nos admira. E' a politica da social-democracia internacional. Os socialistas portugueses seguem o exemplo dos seus vizinhos espanhóis. Largo Caballero, ex-conselheiro de estado e secretario da União Geral dos Trabalhadores de Espanha, De los Rios, Prieto, Salorit e toda a pleiade social fascista espanhola, não ajudaram Anués, ministro do Trabalho de Prima de Rivera, na imposição da legislação corporativa nacional em toda a sua politica reaccionaria?

Macdonald na Inglaterra, que pretende com a nova lei sindical?

Transcrevemos a primeira clausula da lei:

«Toda a greve ou lock-out cujo objectivo primario não tende a outra coisa que não seja a apoiar reivindicações e a cerração de trabalho ou com as condições concorrentes ao despedimento de uma pessoa (esteja ou não occupado no ramo de industria onde estade o lock-out ou a greve) é ilegal, e é ilegal começar ou

proseguir tal greve ou tal lock-out ou apoia-lo com o auxilio monetários».

Qual é a finalidade desta Clausula? A de impedir que os trabalhadores ingleses possam, em apoio dos seus companheiros, de clarar greves de solidariedade, que não possam impedir com a força do movimento grévista o transporte de material de guerra no caso desta ser declarada contra a União Sovietica.

A legislação que se confecciona, como só há-de servir para defender os interesses criados pela burguesia, encontrará em nós a maxima opposição. A não ser assim, cometeriamos um acto de capitulação dos nossos principios revolucionarios. Podeis fazer todas as leis que quiserdes, que nós sempre permaneceremos, enquanto não acabar com o vosso dominio, fomentando a rebeldia das massas para proporcionar-lhes a sua liberdade politica e economica!

## A TODOS OS FILIADOS

O Secretariado, na sua última reunião, resolveu avisar todos os filiados de que lhes está terminantemente prohibido escrever na imprensa burguesa tudo o que se relacione com as questões politicas ou sindicais, quando isso sirva para marcar orientações.

O Secretariado não pode consentir passivamente que os filiados se apartem das resoluções tomadas pela I. C.

Todos os camaradas que não quiserem observar esta determinação da I. C., serão sancionados devidamente.

O Comité Central Executivo

## A Empresa «Grandela» por intermedio do seu socio, Carlos Vinhas, explora, insulta e espanca os empregados

«Grandela» é um dos mais importantes estabelecimentos de Lisboa.

Trata-se duma autentica sociedade de malfeitores. As empregadas ganham 4800 diários. Os empregados 6800 e 7500. Aos domingos nenhum ganha.

Pois esta prestimosa sociedade resolve agora, em face dos excessivos salários, obrigar os seus empregados a trabalhar mais tempo.

Desta forma, recusa-se a pagar aos empregados um mez de serões!

Como um tivesse protestado contra o roubo, foi imediatamente mimosoado, por Carlos Vinhas, como os mais infames insultos, tais como filho de puta, e além disso ameaçado de pancada e de despedimento! Claro está que estes roubos, insultos e agressões não interessam de forma alguma, á justiça indígena.

Trabalhadores do «Grandela», firmes na luta contra os gatuões contra as sangue-sugas que vos querem devarar!

## Continua a ofensiva patronal CONTRA OS SALARIOS na Companhia União Fabril

Os operários da C. U. F. resolveram fazer respeitar a lei das 8 horas, deixando de trabalhar 10 horas como sucedia até aqui.

Alfredo da Silva resistiu quanto ponde ás justas pretensões dos trabalhadores mas finalmente viu-se obrigado a respeitar a lei. Contudo reduziu-lhes os salários!

Os operários da C. U. F. não podem consentir neste atentado aos seus salários!

Devem organizar os seus comités de luta e os seus planos de combate!

Devem dirigir uma rápida contra-offensiva, afim de segurar e melhorar os salários!

## DIA 25 DE FEVEREIRO, JORNADA INTERNACIONAL CONTRA O DESEMPREGO

O dia 25 de Fevereiro foi em Lisboa um dia de ansiedade. Vem a revolução para a rua? Temos greve geral? Vão rebentar bombas?

Eis as perguntas que os nossos pacatos burgueses se faziam entre si. Logo de manhã o governo tinha feito publicar nos jornaes que não autorisaria manifestações, que as reprimiria energicamente. Os quartéis tinham estado de rigorosa prevenção, tendo sido chamadas forças da província para Lisboa. Por toda a cidade, especialmente nos pontos centrais viam-se as ruas atravessadas em todos os sentidos por esquadrões de guarda republicana. No Carmo, à cautela estacionavam camiões blindados, prontos a semear a morte à primeira vós.

Os mantenedores da ordem tinham reunido, tinham elaborado o seu plano estratégico de repressão. A cidade foi dividida em zonas militares e os pontos de concentração foram cuidadosamente fixados.

As casas dos militantes operários conhecidos tinham sido de madrugada assaltadas pela policia que poucas prisões podia efectuar em virtude de muitos, à cautela, não terem ido ficar a suas casas.

A hidra ia ser esmagada. Assim o tinham resolvido os srs. ministro do Interior, Governador Civil, Intendente Geral da Segurança publica, comandante da Policia e Director da Policia de Informações.

Porquê todo este movimento?

Porquê todo este aspecto bélico que se empestou a cidade?

Simplemente porque o nosso partido, cumprindo o seu dever revolucionário se tinha dirigido aos trabalhadores, empregados e desempregados, convidando-os a manifestar o seu protesto contra a miséria contra a fome que penetra traiçoeiramente nos seus lares desolados.

A burguesia indigena tem tanto a consciéncia dos negros crimes que, contra os trabalhadores, tem praticado, que teme de pavor ao seu mínimo protesto e toma os esfomeados como revolucionários.

Apezar porem do aparato bélico dos mantenedores da ordem algumas tentativas se fizeram no sentido de organizar manifestações, logo dispersas pela intervenção violenta da policia e da guarda republicana que pejavam as ruas da baixa. No Terreiro do Paço, no Caes do Sodré, no Alto do Pina e Parque Eduardo VII a policia e a guarda fez uso dos sabres e dispersou rapidamente os que apesar de tudo queriam gritar a sua miséria.

No Alto do Pina esboçou-se mesmo um assalto a uma padaria, logo violentamente reprimido. No Terreiro do Paço e Caes do Sodré ficaram trez trabalhadores feridos e mais haveria se o intento fosse levado por deante.

Por toda a cidade e especialmente nos pontos centrais viam-se grupos de trabalhadores que miravam com uma revolta mal comprimida, o aspecto bélico das ruas.

A força bruta venceu. As digestões dificeis dos acomodados não seriam perturbadas pelos gritos de revolta dos esfomeados.

O governo podia dizer á noite, como o tzarismo: *Reina a paz em Lisboa.*

Desta jornada nós devemos tirar várias lições, e descobrir desassombradamente os nossos erros, os nossos defeitos para os emendarmos de futuro.

Em primeiro lugar ele demonstrou que a linha politica do Partido é a linha justa e adaptavel á situação; que as massas operárias se radicalisam rapidamente; que começam ouvindo com interesse as nossas palavras de ordem e se dispõem a applicá-las na prática. Milhares e milhares de trabalhadores acorreram ao nosso apelo e manifestar-se-hiam decididamente por elas se não fosse a repressão violenta, selvagem dos janizaros da ordem.

Em segundo lugar ela poz a descoberto a fraqueza da nossa organização; ela demonstrou o que ha muito vimos repetindo que a organização partidaria não corresponde de modo nenhum o grau de influencia adquirido. Que a nossa organização para a luta está longe de corresponder ás tarefas imperiosas do momento presente.

O capitalismo não exita em se servir de todas as armas para

sufocar os gritos de protesto das massas trabalhadoras. Muitos camaradas ficaram surpreendidos com as desusadas medidas de repressão postas em pratica e muitas das nossas organizações vacilaram e n' iniciar a luta.

Não podemos fazer a minima queixa de que as massas trabalhadoras não corresseem ao nosso apelo. Mais. Elas excederam-no até. Em muitas fabricas o trabalho foi abandonado por completo, apesar de não termos lançado a palavra de ordem da greve.

Unicamente as nossas organizações agiram bastante á moda anárquista. Confiaram demasiado na benevolencia da força publica e na espontaneidade da ação.

Não se realizou seriamente o trabalho da organização dos grupos de auto-defesa. Não se constituíram os comités de luta; não se sistematizou convenientemente o trabalho de rompimento das manifestações apesar da opposição da força pública. Se qualquer manifestação tem conseguido romper, a sua defeza teria sido quasi nula.

Na zona 2, por exemplo, ter-se-hia organizado uma poderosa manifestação se se nao confiassem anárquicamente ao acaso um certo numero de coisas. Mais de 4.000 trabalhadores a circundavam. Os nossos camaradas foram aqui de uma indecisão lamentavel. Todas as células desta zona, em especial, devem proceder a uma rigorosa auto-critica á ação de todos os seus membros.

Nos não somos bolchevistas simplemente porque afirmamos só-lo. Somo-lo se de facto, na vida prática, na luta de dia a dia, applicamos os seus métodos.

A jornada de 25 de fevereiro em Lisboa deve ter-nos servido de lição para nos prepararmos para o proximo 1.º de Maio.

Cada C. R., cada C. Z. e C. L., cada célula deve ter em conta estas lições e reparar que o caracter e importância das manifestações do proximo 1.º de Maio não depende apenas do estado de espirito dos trabalhadores, que é excelente, mas tambem do estado da nossa organização, da medida em que soubermos aplicar praticamente as directivas recebidas para a constituição de grupos de auto-defeza e células de choque.

As células de choque devem ser constituídas e reforçadas com os elementos comunistas mais decididos e dedicados e apenas por comunistas. Os grupos de auto-defesa devem ser constituídos por todos os operarios dispostos á luta, comunistas ou simpatizantes e sempre que seja possivel por empresas.

Os comités de luta pró 1.º de maio, devem tambem ser organizados em todas as empresas importantes.

Precisamos preparar-nos seriamente para responder á violência com a violência.

Só com essa condição ocuparemos o lugar que nos pertence na vanguarda da classe operária.

### Em Portimão — Ruidosas manifestações Um revolucionário de 14 anos

Existem actualmente uns 1800 a 2000 desempregados em Portimão. Calcule-se pois o entusiasmo com que o proletariado portimonense recebeu a noticia de que a Internacional Comunista tinha escolhido o dia 25 de fevereiro como dia internacional dos famintos, de protesto contra o sistema capitalista, desemprego e suas funestas consequencias.

Neste dia organisou-se, pois, no largo da Estação do Caminho de Ferro uma formidavel manifestação de trabalhadores. Guiada por uma bandeira com a divisa «Pão ou Trabalho» dirigiu-se a manifestação para os Paços do Concelho. Na altura do jardim, a força publica tentou dissolver a manifestação, preparando-se alem disso para fazer uso das armas. Vendo-se apontados, os camaradas que seguravam a bandeira, largaram-na, receando qualquer descarga. Foi então que o jovem de 14 anos Alcindo dos Santos, o rosto banhado de lágrimas, ergueu

Segue na 8.ª pagina

### Continuação da primeira pagina

ua actual conjuntura; *exilium*, até, em múltiplos casos, as «virtudes» do proletariado; no fundo e no aspecto interior da sua acção política e objectivos imediatos, detestam-nos, como entrave que somos às suas miragens de mando e de reparto, entre si, da *ganeta*. E, detestam-nos, precisamente, porque no lugar duma propaganda abstrata, chauvinista, como a deles, nós colocamos a questão da luta imediata e decisiva, pela satisfação das necessidades materiais mais urgentes do proletariado e das massas camponesas, a questão da satisfação das suas aspirações sociais e políticas, deduzindo à sua luz a nossa tática de acção revolucionária independente. Detestam-nos porque, esclarecendo o proletariado e os pequenos agricultores independentes no terreno da luta de classes e na fraqueza da burguesia liberal como congregação capaz de resolver, ainda que transitoriamente, os problemas económicos creados ao cabo de todo o periodo político da ditadura (crise agudíssima da industria, do comércio e da agricultura,—ruína da pequena propriedade em geral,—baseadas nas medidas do Ministro das Finanças actual), demonstramos-lhes, ao mesmo tempo, que a democracia burguesa já fez o seu tempo entre nós, com a experiência do 28 de Maio, e que, debaixo do ambiente desta crise, o proletariado e os camponeses do país, devem preparar-se para a instauração da ditadura democrática dos operários e das massas rurais e exploradas.

As forças coligadas do reformismo, do anarquismo e do anarco-sindicalismo, movem-nos uma campanha de difamação e de intrigas, de delação pública e secreta, porque, no momento mais agudo da podridão nas suas fileiras, da maior traição aos interesses das grandes massas, da mais clara traição às próprias afirmações por eles anteriormente produzidas, veem em nós o único agrupamento de linha revolucionária e de classe, verdadeiramente inquebrantável, e um estorvo prático e decisivo ao argamassar entre os trabalhadores nacionais, duma mentalidade de castração e de subserviência ao capitalismo.

Tornaram-se os nossos mais fiáveis inimigos, por termos denunciado às massas o seu comodismo e capitulação crassos.

No que se refere aos líricos anarquistas e anarco-sindicalistas, fizemos vêr aos trabalhadores—à nossa massa—quanto valia o ultra-revolucionarismo dinamitado desses renegados que, na própria culminância duma crise desesperada de massas, do avassalar da fome e da exploração no seio destas, começaram, a pouco e pouco e discretamente, a atrelar-se ao Governo da ditadura, pela sua comparticipação em comissões oficiais do tipo fascista mais classico.

A integração burguesa nos assuntos do Estado fascista, dos social-reformistas nacionais, é, também, fenómeno que já não oferece dúvidas a quem quer que seja—depois do caudal de bambuchatas e de ludibrio de massas, resultante das farças do B. I. T. e da representação do P. S. P. perante elas.

\* \* \*

Mas, a história e a grande mestra, é o proletariado começa a vêr claro. Até aqui, a energia revolucionária não tem sido inexistente nas fileiras dos trabalhadores. O marasmo, mais ou menos prolongado, a que temos assistido no terreno da luta de classes, tem sido, fundamentalmente, por a essas massas faltarem os guias revolucionários e resolutos, por lhes faltar um agregado de classe que dispuzesse duma visão nítida das coisas, capaz de as fazer singrar pela senda que conduz, ineluctavelmente, à conquista da sua emancipação definitiva.

Esse agregado começa a aparecer, e temperado nas próprias batalhas diárias de classe; começa a aparecer, porque os factos o atestam; começa a aparecer, porque são justamente os nossos inimigos de classe que o demonstram; começa a aparecer, e somos nós precisamente que o constituímos, porque enquanto por um lado assistimos ao reconhecimento, pela ditadura, do P. S. P. e ao quasi reconhecimento da C. G. T., por outro lado toda a nossa organização comunista e sindical revolucionária, é arremessada, pela mesma ditadura, para a mais estreita clandestinidade.

O comunismo, eis o inimigo, grilam, à uma, todos os nossos adversários de classe e de tendências.

O comunismo, eis o inimigo, mas o inimigo invencível, dos verdugos e exploradores das massas miseráveis do país, gritaremos nós e com satisfação.

Arremessam-nos para a ilegalidade! Pois seja assim, ja que assim o querem. Uma prevenção faremos desde ja a toda essa pléiade de facinoras. — E' que jamais desarmaremos!

A situação creada pela ditadura, até nos agrada sobremaneira. A situação do reconhecimento deles e da nossa sujeição às condições de ilegalidade, recompõe, mais uma vez e definitivamente as verdadeiras forças sociais de classe do país, quebra uma série de ilusões existentes ainda ha bem pouco tempo no campo interior do proletariado e da luta de classes.

— O amigo do nosso inimigo, nosso inimigo é... dirão os trabalhadores.

E' no nosso campo, pois, que estes últimos terão que buscar os seus verdadeiros defensores.

E, pela sua defeza integral, nós verteremos o sangue até à última gota.

III

Esta fase de terror branco quiz, como regra geral do fascismo, no nosso país seguir ligada ao exacerbamento das contradições capitalistas e dos antagonismos de classe; isto é, ao recrudescimento da crise nacional económica e ao despertar das massas para a luta — paralelamente ao temperar do nosso Partido para a direcção do proletariado nas lutas próximas — põe, ante nós uma série de problemas táticos, de propaganda, de agitação e de organização.

No número destas tarefas imediatas, a questão do prosseguimento, sem perda dum ritmo veloz, da agitação de massas, não importa que dentro do ambiente do fascismo mais concentrado, aparece em primeiro lugar.

Para chegarmos ao coroamento deste trabalho, para preparar a saída à rua e massiva dos trabalhadores do país, para romper definitivamente a ilegalidade sindical e política imposta pela ditadura, para chegar ao seu derrubamento, todos os nossos esforços devem consistir, antes de tudo, em transformar cada fábrica, cada oficina ou cada propriedade rural capitalista, em nossa verdadeira cidadela.

A conquista de novos elementos para o nosso partido, a consolidação da nossa influência no seio das massas, constituem o fulcro principal do desenvolvimento positivo da nossa acção futura.

É neste sentido que deve ser mobilizado todo o P. C., desde os seus órgãos centrais de direcção, até às células mais afastadas da periferia.

Alguns restos de confusionismo ainda existentes, e segundo os quais se pretende estabelecer o princípio de que é necessário crear-se no país uma atmosfera de maior liberdade, para depois desenvolver nessa base o papel de acção de massas do partido, deve ser rechaçado completamente, de oportunista que é.

Toda a análise consequente às tendências essenciais da orientação política da burguesia no periodo actual (e não só para os casos de ditadura fascista), demonstra-nos que qualquer liberdade, por mínima que seja, só será alcançada mediante a reacção directa do proletariado, patenteada nas ruas. A liberdade não cai — como a graça de Deus, segundo os católicos — do céu e de mão beijada: — conquista-se pela força.

A conservação do ritmo assaz lento, como até aqui, do desenvolvimento das nossas fileiras e do nosso trabalho pratico, é incompatível com as responsabilidades do nosso P. C. — neste momento de aviltamento total das massas trabalhadoras, da falência declarada da ditadura e de decomposição da democracia burguesa.

Para orientar a nossa acção de recrutamento ulterior é necessário não sub-estimar a agudez da crise capitalista nacional a que assistimos (como reflexo da crise capitalista mundial e bem assim as suas consequências no seio das massas assalariadas) e até, da própria pequena burguesia.

Todo esse trabalho deve ser canalizado na base das necessidades correntes das massas. O Partido, para melhor orientação das suas tarefas, deve transformar-se num verdadeiro termómetro

# AUTO-CRÍTICA

É a auto-crítica, sem sombra de contestação, a qualidade mais virtuosa que caracteriza o bolchevismo.

A análise serena, sincera, de todos os defeitos e erros praticados por nós próprios, feita com a mais sã das intenções no sentido de aperfeiçoarmos toda a nossa actividade, de procurarmos remediar todas as imperfeições, de remodelarmos procedimentos pouco consentâneos com as necessidades, mais instantes da luta proletariana; a revisão constante de métodos e táticas, a todo o momento falíveis em face dos sempre novos aspectos que se apresentam dia a dia, no desenvolvimento cotidiano das tarefas que importa realizar, são a base essencial que permitem aos partidos comunistas distinguir toda a sua profícua acção de qualquer outro agrupamento político ou ideológico, que os transforma na mais perfeita organização, no aparelho mais potente e temível que, posto incondicionalmente ao serviço da causa dos trabalhadores, apreendendo constantemente as suas mais ínfimas aspirações, correndo ao seu encontro e indicando-lhes concreta e claramente a solução prática para cada caso, que tropçam invariavelmente não só com a resistência tenaz e natural do Estado burguez, mas também com a nitida e criminosa oposição dos elementos adversários de tendência, impõem ao conceito das camadas mais sofredoras do proletariado a sua preferência, como arma eficaz na liquidação do capitalismo.

Não pode nem deve o P. C. P. fugir á regra geral e talvez ele, até, com mais propriedade do que qualquer outro se encontre na dura contingência de se empregar mais a fundo em tão árdua tarefa, dada a vida anómala que tem atravessado, atentos os inúmeros pontos fracos de que enferma, as graves deficiências que o afrofiam, as lacunas formidáveis a preencher, que requerem pronta solução, que não podem aguardar melhor oportunidade.

Dedicaremos sistematicamente uma muito especial atenção a tão magno assunto, procurando, de cada vez, tocar um detalhe determinado, no intuito de fazer compreender a toda a massa militada, na generalidade, e em especial aos que a questão mais interessa, em cada caso especial, a indispensabilidade de reagir de modo a dar satisfação ás necessidades de aperfeiçoamento de todo o aparelho partidário, para que corresponda á confiança que toda a massa escravizada deve depositar no seu Partido, guarda avançada na guerra reivindicadora que declarou ao capitalismo e que a conduzirá inevitavelmente á vitória, que tão sangrenta mas firmemente está sendo cimentada por toda a parte, onde a burguesia consegue dominar ainda, em paróquias de crueldade extormentor.

Porque temos que começar por qualquer principio e dada a sua importância extraordinária que para o nosso Partido representa, seja encarado sob que aspecto for, tomemos neste momento o Porto como ponto de referência e de partida.

Essa cidade, essencialmente industrial e comercialista, é o segundo centro de concentração proletariana do nosso país e a característica da sua população laboriosa é, também e incontestavelmente, essencialmente proletariana e revolucionaria. Contudo, a influência produzida directamente pelo P. C. P. sobre a grande massa produtora, sobre a base essencial de toda a acção revolucionária em que assenta toda a organização partidária e justifica a sua existência, pode ser considerada como pouco mais do que nula. Os trabalhadores mais explorados, os famintos, os miseráveis, aqueles que formam a grande legião mais aguerrida de qualquer partido comunista, por se sentirem mais agulhoados pelas injustiças flagrantes impostas pelo antagonismo das classes dominantes e dominada; aqueles que chegados ao ultimo grau da escala do sofrimento se vêem impelidos, finalmente, a caminhar ávante, desencadeando a inevitável contra-ofensiva com o proposito de aniquilar o adversário que se pretende esmagar; aqueles, enfim, que são a única razão de ser de um Partido que luta pela hegemonia política do proletariado, condição indispensável para os trabalhadores conseguirem a almejada emancipação; esses, parece não terem sentido ainda, na invicta cidade, a exigência patente de se aglomerarem em torno duma mesma organização disposta a tudo arriscar para tudo conseguir, conquis-

tando para o proleariado o logar que lhe pertence, destraldando denodadamente a bandeira rubra da revolta, da guerra sem quartel ao capitalismo explorador e assassino.

A organização partidária comunista do Porto, apresentando tão lamentável aspecto de vida sedentária que ainda presente-mente se arrasta, numa ocasião em que a massa se radicalisa com uma velocidade impressionante por todo o país, acorrendo pressurosamente ás fileiras do nosso Partido, que aumentam sem cessar e intuitivamente, ansiosa por dar, finalmente, início a uma acção profícua no sentido de solucionar o grave problema do seu direito á vida, requer uma atenção muito especial dos elementos responsáveis daquela cidade, a quem forçosamente terá que exigir-se um redobramento de actividade e uma muito maior soma de sacrifícios, quebrando de uma vez para sempre a linha errônea seguida durante tanto tempo.

A organização partidária comunista, ao contrario de qualquer partido político-burguez, por mais extremista que pretenda apresentar-se, não é um consilio cerrado ás conveniências restrictas dos seus chefes, que movem ás hostes arregimentadas ao sabor dessas mesmas conveniências. Muito pelo contrario! O Partido Comunista é um vasto campo aberto a toda a massa explorada, á qual se prende a necessidade da sua constituição e desenvolvimento, e é a essa mesma massa, base em que assenta todo o edificio partidário, que compete pronunciar-se; é para dar satisfação ás suas mais legítimas aspirações, que toda a acção deve ser conduzida.

Justamente esta verdade elementar parece não ter sido convenientemente compreendida na capital do norte, de onde tem resultado, de certo modo, uma organização algo abstracta, sem alicerces suficientemente sólidos, permitindo uma preocupação primordial de lutas mesquinhas e intestinas, que lançaram ao olvido as tarefas principais de educação revolucionária, recrutamento e formação de quadros, de consequências tão funestas que á primeira arremetida mais séria dos esbirros governamentais, se pode assistir a um enfraquecimento sensível e perigoso do fragil aparelho existente.

Urge, portanto, imprimir uma nova modalidade a todo o trabalho comunista no Porto, forçando-o a enveredar pelo verdadeiro caminho que lhe está indicado até atingir o logar a que se não pode eximir. Uma preparação completa, total, do equivoco ambiente em que se debate e o manietta, se impõe á consideração de todos os filiados, conduzidos com segurança e precisão pelos camaradas responsáveis.

Deve proceder-se a uma larga campanha de esclarecimento e educação directa, sistemática, incessante, para completa integração da massa proletariana no verdadeiro papel que lhe está destinado no seio do Partido Comunista, que sem ela não poderá cumprir a grande missão que lhe está determinada.

A todo o preço, custe o que custar, é indispensável que a organização comunista no Porto perca a sua característica superficial em que tem vivido e desça bem ao fundo, ao âmago do vulcão latente, baixe até á base que tem que conquistar, imprescindivelmente, por meio de realisações práticas e concretas, se infiltre por entre a massa anónima das maiores vítimas do capitalismo-ladrazav, unica a que tem de servir, finalmente.

E quando todos os camaradas que no Porto tão espontânea, voluntária e denodadamente se dedicaram á ingrata tarefa de ampliar a esfera de influencia do P. C. P. se convencerem e compenetrarem desta grande necessidade, indispensável e urgente, e a levarem á pratica enfrentando, embora, todos os perigos, contrariedades e deceções, o proletariado portuense integrar-se facilmente no importante papel que lhe está distribuído e rapidamente alcançará o posto de honra que o aguarda.

## A Federação da Juventude Comunista Portuguesa publica um jornal clandestino

A F. da J. C. P. acaba de nos informar que está em vias de publicação o seu jornal impresso «O Jovem Proletário» destinado a defender os interesses da juventude trabalhadora portuguesa e a servir-lhe de orientador na luta pelo derrubamento do capital.



## Continuação da 4.ª página

de massas. Em tal sentido uma missão importantíssima cabe às células em primeiro lugar. Para isto elas devem transformar-se, de centros escolásticos e de *cavaco* que vêm sendo, numa grande parte dos casos, em verdadeiras alavancas de agitação.

E isto é tanto mais urgente, quanto é certo que a situação actual impõe que nos não deixemos colher de surpresa pelos acontecimentos, de maior ou menor importância política, que na região portuguesa se desenrolam.

A's fábricas, às massas e sempre às massas, tal deve ser a nossa palavra de ordem.

Depois, verificando as condições de ilegalidade que nos são impostas, verificando a proibição, por parte da policia, e do Governo, da circulação legal do nosso órgão—«O Proletário»—para chegar ao cabo da sua missão, o Partido tem sobre si a tarefa não só de substituir a publicação de «O Proletário» por uma folha clandestina central para cordenação de todo o trabalho de agitação, mas sobretudo o de crear na periferia outras tantas folhas, em complemento desse trabalho.

O sistema de *folhas volantes*, ainda que dactilografadas, dedicadas sobretudo á análise bolchevista dos assuntos correntes de tal ou tal fabrica, deve ser posto em pratica quanto antes.

E esta necessidade resalta claramente 1.º porque é impossível tratar no órgão clandestino central todas as questões práticas que interessam as massas e 2.º porque uma expansão verdadeiramente massiva, tão massiva quanto é necessario na presente conjuntura, é obstruida pela situação política que atravessamos.

Deste modo deve partir-se do principio de que o órgão central clandestino faz de elemento coordenador e de base material e ideologica para auxiliar as células na elaboração das suas folhas volantes segundo a linha geral do Partido. Além disso a ele cabe a critica bolchevista e a agitação no aspecto nacional, ou dos problemas de importância nacional.

As folhas volantes devem ser consagradas especialmente aos casos concretos, específicos a tal ou tal industria ou agregado proletario.

A criação destas folhas não deve retardar-se sob o pretexto da impreparação dos efectivos do Partido para estes trabalhos de redação.

A massa, a grande massa que sente a fome: a ameaçar os seus lares, não busca as literatices para suavisação dos seus flagelos; ela carece duma linha politica e da acção revolucionaria que lhe sirva para a auto-debelação dos mesmos. Deixemos, pois, a literatura ao cuidado dos anarquistas e dos anarco-sindicalistas e outros. Para nós adote-se uma linguagem rude, de verdadeiros proletarios, contanto que seja expressiva e sinceramente revolucionaria.

Paralelamente a estas tarefas gerais de imprensa revolucionaria, deve correr uma outra: a da agitação pessoal e directa no proprio seio das massas.

Os membros do P. C. e os elementos simpatizantes devem aproveitar toda a sua estada em conjunto com o proletariado, devem aproveitar todos os momentos de intervalo nas sessões do trabalho profissional, para se dedicarem a uma propaganda e acção sistemática, para completar a agitação iniciada pela nossa imprensa.

Nas fabricas devem ser organizados, mediante o recrutamento entre a massa que se revela simpatizante, circulos especiais para o desenvolvimento e consolidação da nossa influencia no seio da maioria do proletariado e para a sua mobilisação futura. Estes circulos devem propor-se constituir o principal nucleo de acção comunista no interior das fabricas, de harmonia com as necessidades correntes da nossa acção ahi.

Procedendo assim, dando corpo a este edificio embora elementar, poderemos convencer-nos de ter realizado um apreciavel passo em frente no abandono dos velhos metodos de trabalho revolucionario entre nós e na sua substituição por outros mais decisivos na preparação efectiva duma base de massas para a luta contra os inimigos do proletariado, de classe ou de tendencias, que, na conjuntura que passa, nos cercam nos quasi 360º do horizonte nacional.

## Por "ÁVANTE!"

A TODOS OS COMITÉS REGIONAIS, COMITÉS DE ZONA E CÉLULAS, DO PARTIDO COMUNISTA E DA J. C.—A TODOS OS NOSSOS AGENTES DE VENDA

Informamos de que o jornal se publicará quinzenalmente. Na mesma data que o jornal trouxer, receberão todos os agentes de venda, os respectivos jornais. O Comité Regional de Lisboa receber-los-ha na vespera. E' conveniente que todos os agentes, realizem a sua rapida difusão, no mesmo dia ou, dentro de dois ou tres dias, o maximo.

O Comité Regional de Lisboa, deverá entregar-os aos Comitês de Zona, no mesmo dia em que os receba. Os Comitês de Zona deverão difundi-los no mesmo dia pelos secretários de célula. Para isso terão uma reunião extraordinaria com eles em todos os primeiros dias após a saída do jornal.

Os secretarios de célula devem proceder analogamente relativamente aos filiadas das suas células.

Num prazo maximo de 8 dias deve estar na posse da comissão de imprensa todo o produto da venda dos jornais.

Sem isto «Avante!» não poderá viver!

Sem isto «Avante!» não poderá ser o grande jornal, o grande difusor revolucionario das massas exploradas, que pretende ser.

«Avante!» quer triunfar!

Quer transformar-se num grande jornal!

Quer ser um agente revolucionario forte, invencivel!

Dos agentes de venda depende pois o seu triunfo. Da manei- ra e da rapidez com que for difundido e vendido.

Para nós, comunistas, não ha impossiveis, não ha dificuldades insuperaveis, não ha lentidão nem cansaço, por isso

«AVANTE!» TRIUNFARÁ !!

A Comissão de Imprensa.

## RECONTROS COM A FORÇA PUBLICA

As autoridades só conseguem restabelecer a ordem depois da chegada de reforços vindos de Leiria

Marinha Grande, 23 — Esta localidade é um importante centro industrial, sobretudo da industria da vidraria. A crise de trabalho é tremenda e vem agravar as, já de si péssimas, condições de trabalho dos operários. A exploração sobre os trabalhadores adultos, jovens e sobre o trabalho feminino não tem freio. Sob a pressão de uma exploração e repressão cada vez mais intensa as massas trabalhadoras radicalizam-se dia a dia.

O manifesto do Partido proclamando o 25 de Fevereiro como dia de luta decidida, contra a crise de trabalho foi aqui acolhido com ansiedade, esgotando-se rapidamente.

A Marinha Grande despertou nesse dia com um aparato policial desusado. Apesar disso a marcha da fome organizou-se de tarde. A policia interveio com a brutalidade costumada mas os trabalhadores desempregados resistiram e apesar de por várias vezes ter sido dissolvida, voltava a reorganizar-se com mais ardor e maior numero de manifestantes.

A policia e a guarda eram já impotentes para conter a massa sempre crescente de esfomeados. As lutas generalisaram-se até á meia noite, hora a que chegaram reforços constituídos por uma força de infantaria 7, de Leiria, que finalmente conseguiram restabelecer o dominio das espingardas.

Consta-nos terem sido feitas várias prisões mas á hora a que escrevemos é-nos impossível acrescentar mais detalhes.

O proletariado da Marinha Grande demonstra umas qualidades de luta admiraveis. A jornada de 25 de fevereiro, não é senão o inicio de uma série de lutas cada vez mais violentas pelas palavras de ordem do Partido; pelo reconhecimento do direito á vida aos desempregados.—C.

# DA U. R. S. S., pátria dos trabalhadores

## Manifesto de 300 mil engenheiros e técnicos da União Soviética Aos engenheiros e técnicos do mundo capitalista

O imperialismo internacional de acordo com os inimigos internos, tentam de novo, mediante a provocação, a mistificação e as baionetas, derrubar o poder Soviético na U. R. S. S. aniquilando esta República proletária, onde milhões de trabalhadores das fábricas, milhões de camponeses, pobres e médios, conjuntamente com a vanguarda dos intelectuais revolucionários, edificam, à custa de heroicos esforços, uma República Socialista.

Os imperialistas sonham afogar em ondas de sangue, de trabalhadores, as realizações grandiosas obtidas com a redificação total da vida económica e social no País dos Soviets, aonde possibilidades ilimitadas se oferecem, ao desenvolvimento do pensamento científico, aonde a exploração do homem pelo homem foi extirpada dum vez para sempre e em que as formas socialistas de organização da economia, foram lançadas vitoriosamente, dum maneira definitiva.

Os imperialistas, cuja avaréza não conhece limites, em nome do ouro e para poder continuar a opressão, o regime de fome e o suplicamento de milhões de proletários, queria, desde 1931, empreender uma intervenção armada na U. R. S. S.

Os especialistas técnicos revolucionários, que lutam com todas as suas forças, ao lado da classe operária e sob a direcção do Partido Comunista, pela edificação do socialismo, pela execução do grandioso plano quinquenal em 4 anos, exortam, a todos os engenheiros e técnicos dos países capitalistas, que sofrem o sistema anacrónico desses países, as cadeias insuportáveis da racionalização capitalista, a erguer a sua voz poderosa, num protesto veemente e indignado, contra a nova guerra de bandidos, de pilhagem e estrangulamento, que se prepara, contra a primeira República de Soviets, afim de a submeter ao domínio da pata fascista, transformando-a numa colónia, sujeita à opressão do mundo capitalista.

Nós, vos exortamos, engenheiros e técnicos da vanguarda revolucionária, a unir os vossos esforços, para uma luta em comum, aos das massas trabalhadoras dos países capitalistas, que sobre os seus ombros tomaram, firmemente, o encargo de defender, a União Soviética contra todos os seus inimigos!

Em nome de 300.000 engenheiros e técnicos:

O comité ampliado da Repartição Inter-Seccção da U. R. S. S.  
(Seguem as assinaturas, seguidas das profissões dos signatários que totalizam 95).

## A Produção aumenta poderosamente

MOSCOW, 16 — Calcula-se, que no primeiro trimestre deste ano, se fará a extração de 6 milhões de toneladas de petróleo, ou seja 44% a mais do que em igual período de 1930.

## No Congresso dos Soviets do Norte, os lenhadores, delegados, repudiavam enojados as calúnias anti-soviéticas

MOSCOW, 24 Fevereiro — (Tass) Abriu-se em Arkangel, o congresso regional dos Soviets, em que a maioria dos delegados é constituída por trabalhadores em madeira.

Os delegados ouviram com a maior atenção o discurso do camarada Bergavinov, secretário do comité do Partido Comunista, da região do Norte, que examinou, com detalhe, as insinuações da imprensa estrangeira, relativas à exportação de madeiras Soviéticas.

O relato provocou a hilariedade dos delegados, sobretudo na parte em que cita as passagens do artigo do «Times» de 31 de Janeiro, último.

Esta passagem afirma que os presos eram «vendidos» aos trusts soviéticos e que o seu trabalho era empregado na construção da linha do caminho de ferro, Koltas — Soroka, quando, na realidade, ainda não foi votada nenhuma soma para esta construção, da qual, nem um só metro de via, foi construído.

Nas explorações florestais da região do Norte estão empregados 200.000 operários e não 30.000.000 de prisioneiros, como afirma o «Times».

Depois de ter repellido as invenções relativas ao trabalho forçado na U. R. S. S. o camarada Bergavinov referiu-se à «escravatura exercida pelo capitalismo nas respectivas colónias descrito no livro Branco reaparecido em Inglaterra».

O discurso de Bergavinov foi inúmeras vezes interrompido por estrondosas gargalhadas e exclamações de indignação.

A «Agência Tass» acrescenta que logo que o relator leu os extratos do «Times», o consul da Noruega, que assistia ao congresso, não pôde abster-se de rir.

## No dia 25 de Fevereiro os salários dos mineiros soviéticos foram aumentados em 20 por cento.

MOSCOW, 26 Fevereiro — (Tass) Os salários dos mineiros e dos empregados em trabalhos subterrâneos foram aumentados em 20 por cento.

Esta decisão comunicada pela agência Tass é dum grande importância. Os trabalhadores que no passado dia 25 se manifestaram contra o desemprego e pela defeza da U. R. S. S. tem neste facto um magnifico e oportuno exemplo, das vantagens que trás às classes laboriosas, a Revolução Proletariana, a Revolução Comunista.

## A Rússia, pátria dos trabalhadores, envia socorros aos desempregados norte-americanos

A U. R. S. S. é um paiz em que a burguezia foi apeada pelas massas proletárias, secularmente escravizadas.

E' um paiz de trabalhadores, onde a maior aspiração é o bem-estar colectivo e portanto a Revolução Mundial Comunista. O parasitismo é expressamente proibido e alem disso ha trabalho e pão para todos. Não existe portanto o desemprego. Caminhando a passos de gigante, para uma felicidade maior eles não esquecem, contudo, os seus irmãos proletários do estrangeiro, que ainda não conseguiram libertar-se das cadeias burguezas. Que assim é prova-o envio, agora feito, pelo governo da U. R. S. S. ao governo dos E. U. dum importantissima soma, para os sem-trabalho.

Como são os trabalhadores que morrem de fome e não o governo, isto é, o capitalismo, a burguezia, o dinheiro foi imediatamente devolvido, A miséria não lhes interessa!



bem alto, nas suas mãos púberes, a bandeira, gritando: Temos fome! Queremos pão! Em frente camaradas! A atitude desta heroica creança entusiasmou formidavelmente a multidão, que em delírio, gritava: Em frente, em frente, camaradas!! Dirigiu-se imediatamente a manifestação para os Paços do Concelho. Aqui ostentou-se durante algum tempo a bandeira, para que todos vissem, sobretudo as autoridades, que as massas exploradas exigiam pão ou trabalho! Nesta altura a força publica carregou de novo, e com mais violência, sobre os manifestantes. O comandante da força publica, um tenente da G. N. R., ameaçou-nos com um revolver, dizendo: Tenho aqui cinco balas para vos meter na cabeça. E' esse o pão que vocês querem dar aos trabalhadores, respondemos-lhe!

Fizeram-se três prisões que não foram mantidas.

## Na China a revolução mundial caminha

### A guerra anti-soviética de Tchang Kai Chek e a contra ofensiva do exercito vermelho chinês

Desde a tomada de Tchangtcha pelo exercito vermelho, em Agosto do ano passado, os imperialistas exigiram dos militaristas chineses, que assinassem um armistício momentâneo na guerra de generais e que lançassem todas as suas forças contra o movimento soviético, em rápido progresso. Acedendo a este desejo dos imperialistas, o governo de Nankin pôs-se imediatamente a executar a «campanha de extermínio» dos comunistas, nas províncias de Kiangsi, Hunan, Hupe, Foukien e Nganhui.

Para esta campanha mobilizou mais de 20 divisões.

A quarta sessão plenária de Kuomintang (partido Nacionalista) na conferência de Wantchang foram dominadas pelos debates sobre a luta anti-comunista.

Recendo que as tropas tão abnegadamente fiéis ao governo de Nankin, podessem amotinar-se influenciadas pela propaganda revolucionária, apreensão justificada pela experiência (por exemplo, as divisões de Tchiang-Kwong-Nai e Tsai-Ting-Kai passaram-se para o exercito Vermelho) dispendeu-se muita atenção com a escolha das Tropas.

Com o fim de extripar das massas a ideologia comunista, os territórios soviéticos chineses, foram inundados por milhões de manifestos, lançados por aviões.

As cabeças dos dirigentes do exercito vermelho, foram postas ao preço de 50.000 dólares! Mais de 30 aviões militares, bombardearam o território soviético.

### Novas conquistas do exercito Vermelho Chinês

Hupe, 5 — Apesar de algumas perdas, como por exemplo, o abandono forçado da cidade de Tehi-An, centro importante dos territórios soviéticos, o exercito vermelho conseguiu, no decorrer dos seus combates contra os ataques furiosos da contra-revolução, conquistar até meados de Dezembro, a importante cidade de Kiang, ao Sul do Kiang-Si.

A conquista de novas cidades durante o mês de Dezembro prova o continuo avanço do exercito vermelho. Assim, foram tomadas as cidades, de Tunku, ao noroeste de Viangsi, de Tsanting e de Jun-Ding, a oeste de Foukien, de Nanchun, Si-Chen e Ho-Peing, ao norte de Kwantung. As cidades de King-Sain e San-Saing, a oeste de Tchekiang, foram sitiadas e ocupadas pelo exercito vermelho. O terror que paira sobre os senhores feudais destas regiões, demonstra-se com a chuva de telegramas que continuamente enviam ao Governo de Nankin, para que corra em seu auxilio.

As cidades de Dsing, Funchen, Hua-Jung, Nanchain, Sisan e Djen-Li, na fronteira de Hupé e do Hunan, foram igualmente sitiadas e parte, já ocupadas, nestas últimas semanas. O exercito vermelho combate ás portas das cidades de Zalin, Ji-Chen e Hus-

-Suan, na fronteira de Hunan e do Kiangsi. Dos treze distritos da ilha de Hainan, ao sul do Kwantung, quatro estão inteiramente nas mãos do exercito vermelho e 6 debaixo da zona de influência dos revolucionários.

### Continua avançando victoriosamente o exercito vermelho

Shanghai, 6 — Nota-se grande actividade da parte dos comunistas nas províncias de Hunan e Kiangsi. Nesta última os comunistas aprisionaram o general Chang-Hiu-Chan, comandante duma divisão, dos exercitos do governo de Nankim. Pelo seu resgate pede-se, 2.000.000 de pesos mexicanos.

As forças comunistas das províncias acima citadas, estão dando mostras de grande actividade, passando da defensiva á ofensiva, atacando energicamente as forças nacionalistas do governo de Nankim e obtendo grandes vitórias.

### Em defesa das 8 horas — Num greve geral de 43 horas em Barcelos

Barcelos, 2) — O Administrador deste concelho está inteiramente nas mãos do patronato. Aqui desconhece-se em absoluto que existe uma lei que estabelece a jornada normal de 8 horas. Quer na industria quer no comércio a jornada de trabalho é regulada pela real gana do patronato com o assentimento das autoridades, sem fiéis serventuários. Ha longo tempo que a Associação operária local vem reclamando contra este estado de coisas, sem que seja atendida. O estado de estorvoscência entre os trabalhadores era grande e em 11 e 12 abandonaram os trabalhos em sinal de protesto. A paralização foi total durante estes dois dias. Como sempre a força publica intervem violentamente tendo sido efectuadas numerosas prisões, mas o proletariado de Barcelos realizou a mais importante greve que se tem efectuado neste concelho. Ela manifestou a sua decisão firme de lutar contra a fome e contra a miséria que lhe é oferecida pelo sistema capitalista. Ele aprenderá neste movimento a aperfeiçoar a sua organização e a preparar-se para as novas e decisivas lutas que se avizinham. — C.

N. R. — Entretanto a comissão do código de trabalho de que faz parte o socialista José Augusto Machado, de mãos dadas com os amigos dos trabalhadores, Intendente Geral da Policia e o celebre Ferreira do Amaral, continuará afirmando, que as 8 horas de trabalho serão cumpridas...

### DE ERVIDEL

Ervidel, 26. — O manifesto do Secretariado do Partido e da Comuna, foi nesta povoação rural muito bem acolhido pelos trabalhadores. As autoridades apavoraram-se e tomaram extraordinárias medidas de ordem. Vários camaradas foram presos sob a acusação de terem distribuído o manifesto. Perante o aparato repressivo e devido á desorganização dos trabalhadores, não foi possível organizar a manifestação. Nós devemos ter em atenção que não basta concordar com as palavras da ordem do partido, respeitantes a reclamações.

E' preciso sobretudo saber aplicar as suas palavras da ordem de organização, sem a qual não ha luta saudavel. — C.